Modelo propõe que marcações no DNA levariam à homossexualidade

Biologia & Ciências

Enviado por: Visitante
Postado em:19/12/2012

Por Marco Varella (Folha de S.Paulo) Uma equipe de cientistas está propondo um novo modelo biológico para explicar a existência da homossexualidade usando a epigenética -ou seja, alterações na maneira como os genes são lidos, e não no próprio DNA. A proposta é que a homossexualidade seria consequência da transmissão, para os filhos, de marcadores responsáveis pela ativação de genes que direcionam o desenvolvimento sexual. O estudo teórico foi publicado neste mês na revista científica "The Quarterly Review of Biology". William Rice, da Universidade da Califórnia, é o autor principal. EPIGENÉTICA Os marcadores epigenéticos são moléculas que se ligam ao DNA, ajudando a ativar ou silenciar genes. Na maioria das vezes, essas marcas não passam de uma geração para outra, sendo apagadas e restabelecidas de outra maneira nos óvulos e espermatozoides. Editoria de Arte/Folhapress As marcas que aumentam a sensibilidade ao hormônio masculino testosterona na gestação garantem a masculinização de bebês meninos, enquanto as que diminuem a sensibilidade à testosterona "feminizam" as meninas (mulheres têm testosterona, pois ela também é produzida nas glândulas adrenais). Quando essas marcas não são apagadas em meninas, porém, elas dariam origem a filhas com tendências homossexuais. E, quando as marcas que diminuem a sensibilidade à testosterona passam para os filhos, dariam a eles mais tendências à homossexualidade. A simulação do modelo mostrou que isso pode se manter na população. Para Eduardo Gorab, geneticista do Instituto de Biociências da USP, "a novidade é que a proposta não se baseia em genética, como já foi feito, mas em fatores epigenéticos". "Como hipótese, não deixa de ser interessante." A proposta tenta explicar a prevalência da homossexualidade em 8% da população humana, predominantemente em famílias, bem como o fato de estudos genéticos não mostrarem uma explicação consistente para isso. No caso de gêmeos idênticos, nem sempre ambos são gays, embora eles compartilhem 100% de seus genes. Isso sugere um fator hereditário além da genética. O modelo prevê, por exemplo, que estudos epigenéticos vão mostrar diferenças significativas entre heterossexuais e homossexuais. Segundo Jaroslava Valentová, antropóloga do Centro de Estudos Teóricos da Universidade Karlova, na República Tcheca, e especialista em evolução da homossexualidade, o estudo apresenta uma "real alternativa para o desenvolvimento e a evolução" dessa orientação. PONTOS FRACOS Para Gorab, a proposta incorre em uma "generalização demasiado ampla sobre epigenética sem pistas concretas". Valentová aponta que "os autores não definiram precisamente a homossexualidade", misturando todos os não heterossexuais exclusivos, incluindo bissexuais. Ela ressalta que "os autores não mencionaram a diferença fundamental na orientação sexual masculina e feminina". A masculina tem mais fatores genéticos descritos e muda menos ao longo da vida do que a feminina. Valentová ainda diz que os autores consideram a orientação homossexual como necessariamente atrelada a traços atípicos de cada sexo. "Mas um terço dos homens homossexuais tem comportamento considerado masculino, e uma proporção ainda maior das lésbicas seria classificada como feminina." A busca por explicações biológicas para a homossexualidade, faz sentido porque formas de relacionamento entre membros do mesmo sexo são encontradas em quase todas as culturas estudadas, e estão presentes ainda em vários outros animais. Esta notícia foi publicada

em 19/12/2012 no site www1.folha.uol.com.br. Todas as informações nela contida são de responsabilidade do autor.